

**LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO UNIVERSITÁRIO DO RIO GRANDE DO NORTE
CURSO DE BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

O CORPO NA PSICANÁLISE: FREUD EXPLICA?

JOSÉ JEFFERSON GOMES EUFRÁSIO

NATAL/RN

2024

JOSÉ JEFFERSON GOMES EUFRÁSIO

O CORPO NA PSICANÁLISE: FREUD EXPLICA?

Artigo apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II do Curso de Psicologia do Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNI/RN) como requisito parcial para a obtenção da nota da disciplina.

Orientadora: Prof^a Dr^a. Karina Carvalho Veras de Souza

NATAL/RN

2024

RESUMO

O corpo no campo psicanalítico não se tornou uma temática negligenciada. Freud foi buscar seus discursos nos mistérios do corpo e do que escapa a objetividade científica. As teorias do autor surgem através dos sintomas corporais histéricos, elencando o caráter que o corpo tem na subjetividade. O objetivo desse trabalho é descrever o lugar do corpo na teoria freudiana. Essa pesquisa possui um caráter qualitativo, de natureza básica, com objetivo exploratório e foi realizada a partir de uma revisão bibliográfica. A trajetória do conceito de corpo em Freud se dá, inicialmente, a partir da ruptura entre o corpo biológico e o corpo psicanalítico. Em seguida, ao elaborar uma teoria da sexualidade, desemboca na noção de um corpo erógeno. Posteriormente, Freud passa para o corpo unificado pelo narcisismo. Isso abre espaço para a criação da segunda tópica e no surgimento do eu corporal. Esse caminho nos abre uma perspectiva de estudos sobre a temática e seus desdobramentos. A noção de corpo em Freud ultrapassa a de um corpo-objeto reduzido cientificamente a um corpo-organismo. Ele nos apresenta a possibilidade de pensar um corpo-sujeito, vivo, analisado em sua singularidade e subjetividade. O corpo-sintoma reclama, falha, se cansa e cogita desistir, mas não é um mal a ser combatido e sim um sofrimento a ser escutado em sua singularidade, pois a palavra tem efeito sobre ele. Torna-se necessário validar um discurso sobre o corpo a partir do que a psicanálise pode apreender do ser humano.

Palavras-Chave: Psicanálise. Corpo. Histeria. Pulsão. Narcisismo.

1. INTRODUÇÃO

O corpo está em cena. Ele aparece como um elemento de estudo em diversos campos do saber. Sobre ele, muitas ideias se apresentam e é sobre ele que se acumulam uma série de práticas e discursos. Fragmentado por todos os lados, se constituiu como um palco de incertezas e, muitas vezes, de um mal-estar. O corpo é pensado pela perspectiva da filosofia, da sociologia, da medicina, da biologia, da arte, da ética, da estética, dentre outras áreas de conhecimento, ou seja, é um tema largamente investigado pelas teorias que pretendem dar conta dos fenômenos da existência humana.

Na visão médico científica, observamos que o corpo é visto como um objeto, compreendido em suas partes. É um corpo mecânico, um corpo-organismo, estudado pela anatomia, pela fisiologia, pela medicina. Por outro lado, muitos estudiosos, tais como o filósofo Merleau-Ponty, nos apresenta o corpo-sujeito, perpassado pela história, pela cultura, um corpo de sensações, de percepções múltiplas, atravessado por uma existência única e singular.

No campo psicanalítico, o corpo não se tornou uma temática negligenciada, pelo contrário, pertence de modo crucial ao ambiente empírico e conceitual posto em jogo pela área. É como nos diz Winograd e Mendes (2009) se o corpo não é um conceito técnico da psicanálise, ele é onipresente em sua teoria, mesmo implicitamente.

Freud, o criador da psicanálise, foi buscar seus discursos nos mistérios do corpo e do que escapa a objetividade científica. As teorias do autor surgem através dos sintomas corporais histéricos, elencando o caráter que o corpo tem na subjetividade. Portanto, ao escutar as histéricas, que se esforçavam em falar com o corpo, o pai da psicanálise lançou as bases de sua teoria (GONÇALVES, 2022).

De acordo com Zucchi (2014), Freud elabora um dispositivo através do qual o registo passa a ser o da palavra e o do sentido para a tradução dos sintomas e não mais uma observação que se dá meramente pelo registro orgânico. A partir de seus primeiros trabalhos psicanalíticos, o autor aponta a conversão da libido das vias psíquicas para o corpo como sendo o mecanismo

básico da formação dos sintomas histéricos. Nesse sentido, o corpo passa a narrar o que se mostra.

A trajetória do conceito de corpo em Freud se dá, inicialmente, a partir da ruptura entre o corpo biológico e o corpo psicanalítico (1893/2016). Em seguida, o autor, ao elaborar uma teoria da sexualidade, desemboca na noção de um corpo erógeno (1905/2016). Posteriormente, Freud passa para o corpo unificado pelo narcisismo (1914/2010). Isso abre espaço para a retomada do conceito de pulsão (1915/2010), que desaguará no segundo dualismo pulsional (1920/2010), na criação da segunda tópica e no surgimento do eu corporal (1923/2011). Esse caminho nos abre uma perspectiva de estudos sobre a temática e seus desdobramentos.

Diante do que foi posto até o momento, uma primeira questão se apresenta: que compreensões de corpo podemos encontrar na teoria freudiana? De um ponto de vista metodológico, faz-se necessário encontrar um eixo condutor para o processo de investigação dessa temática, sem o qual esse estudo correria o risco de se perder diante da vasta teoria do autor. Nesse sentido, essa pesquisa nasce com o objetivo de descrever o lugar do corpo na teoria freudiana.

A partir desses pressupostos, observamos que Freud, assim como alguns interlocutores, nos ajudam a compreender melhor essa problemática do corpo. Entendemos que o corpo que interessa a psicanálise não é o da teoria dualista de Descartes (corpo e mente), muito menos um corpo máquina, somente de carne e osso, mas um corpo tomado como um conjunto de elementos significantes. Não se confunde com o mero organismo biológico, objeto de estudo da medicina, pois é o palco das experiências, das emoções e das percepções. Ele nos revela um complexo jogo das relações entre o psíquico e o somático, um personagem integrante da trama dessas relações.

A metodologia que utilizamos para a presente investigação possui um caráter qualitativo, de natureza básica, com objetivo exploratório e foi realizada a partir de uma revisão bibliográfica, contemplando as bases teóricas de materiais já publicados, como artigos científicos, dissertações, teses e livros. Para identificar as fontes bibliográficas adequadas ao desenvolvimento da

pesquisa foram utilizadas diferentes plataformas de base de dados, tais como, o Google Acadêmico, SciELO e o MEDLINE/PubMed. Foram realizadas buscas nessas plataformas utilizando os seguintes descritores: corpo, psicanálise, histeria e pulsão. Em seguida, foi realizada uma leitura flutuante do material para estabelecer os critérios de inclusão e exclusão.

Os materiais bibliográficos selecionados foram os que estavam de acordo com a temática e, conseqüentemente, os excluídos foram aqueles que fugiam das discussões sobre o corpo, histeria, pulsão e narcisismo na teoria freudiana. Tomamos como referência autores da psicanálise que discutem a questão do corpo. Devido a reduzida produção acadêmica contemporânea encontrada, especificamente sobre a temática em Freud, optamos por trabalhar com os materiais encontrados que foram produzidos nos anos de 1995 a 2022.

Desse modo, no presente estudo, serão apresentadas contribuições tanto do pai da psicanálise (Freud), o autor escolhido como protagonista da discussão, em seus textos originais, quanto em autores contemporâneos que discutem a temática da pesquisa. Para isso, faremos a exploração do material encontrado, a codificação, o tratamento dos resultados obtidos e sua interpretação utilizando a análise de conteúdo.

2. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O corpo foi ponto de partida da descoberta da psicanálise, ou seja, da consideração dessa dimensão própria de cada um: o inconsciente. Embora este, por definição, escape ao conhecimento e a racionalidade científica, seus efeitos se manifestam nos tropeços da fala, do corpo, dos laços, através dos atos falhos, dos sonhos, dos sintomas. A singularidade do inconsciente qualifica a identidade e o destino de cada sujeito.

A construção do corpo na teoria freudiana se constitui, simultaneamente, a partir do entrelaçamento de três registros de suas experiências nos encontros e desencontros com o mundo e com o outro: as marcas traumáticas ou de prazer em suas vivências singulares, o mapeamento pulsional desde as zonas erógenas e a constituição narcísica de uma imagem unificante.

Nesse sentido, após a análise do material bibliográfico selecionado, a discussão dos nossos resultados será realizada sob três eixos temáticos: o corpo da histeria, o corpo pulsional e o corpo narcísico.

O corpo da histeria

As doenças nervosas, no final do século XIX e início do século XX, apresentavam sintomas incompreensíveis para a medicina. As histéricas, acusadas na época de mentirosas eram investigadas à luz da dúvida. Freud, contudo, começou a observar e a questionar a razão do aparecimento desses sintomas, dando voz as pacientes e acabou desenvolvendo um novo campo de trabalho.

Nos Estudos sobre a histeria (1893-1895/2016), Freud afirmava que o corpo da histérica ou a própria histeria só poderia ser definido se fosse levada em consideração não somente a anatomia (as paralisias, as afasias), mas também a condição da representação corporal presente no imaginário social.

O autor observa que as queixas do sujeito possuem um sentido, uma motivação desconhecida. Elabora, então, o conceito de inconsciente e, a partir disso concebe a noção de recalque, afirmando que o que aparece para o sujeito são ideias dispersas de uma causa inicial que conduziu a formação dessas manifestações no corpo. Aos poucos apresenta o fato de que boa parte das ideias reprimidas possuem um significado sexual e que a sexualidade se encontrava na posição de ser recalcada produzindo efeitos a partir do inconsciente.

Freud trabalhou durante anos insistindo que as histéricas se lembrassem de suas experiências anteriores para se livrar de seus sintomas. A palavra que se fazia presente no trabalho analítico, mesmo que de forma disfarçada, sempre dizia respeito a algo da sexualidade, portanto, proveniente do corpo. Ele percebe que a fala delas afeta seu corpo, mostrando algo de si pela via do sintoma. O corpo da histérica, evidenciado pelo fenômeno da conversão, tende a expressar o psíquico, obedecendo à lei do desejo inconsciente, condizente com a história do sujeito (SOLER, 2019).

Nesse sentido, podemos perceber que o corpo entra em cena na psicanálise fazendo relação com o sintoma e é na prática clínica que Freud começa a pensar esse estatuto do corpo. O discurso freudiano passou a mostrar que o corpo da histeria não poderia mais ser confundido com o corpo da medicina, da anatomia e nem ser regulado apenas por esses princípios, provocando assim, segundo Elia (1995), uma ruptura com o paradigma médico-científico.

O corpo na psicanálise, nesse contexto, já não pode ser definido tendo em vista somente o conceito de organismo, nem tampouco pelo conceito de somático. De acordo com Lazzarini e Viana (2006), talvez já se possa afirmar não que o sujeito tem um corpo, mas que ele é um corpo, à medida que se fala de algo que é uno na subjetividade e na corporeidade, o que, de certa forma, nos apresenta uma articulação singular.

O corpo pulsional

Com os estudos de Freud sobre a corpo das histéricas e a sexualidade envolvida em seus contextos, foi sendo elaborada uma metapsicologia do corpo em Freud. Soler (2019) considera que um conceito fundamental proposto pelo autor é o de pulsão, o limite entre o psíquico e o somático. Segundo a referida autora a pulsão é um conceito principal porque fundamenta essa metapsicologia. O que se encontra no interior da pulsão é a excitação e o próprio corpo como fonte de excitação, portanto sem esse corpo nada seria possível.

O conceito de pulsão foi gerado como algo fundamental que lança o psiquismo no corpo. Dessa maneira, Freud transformou a concepção dualista vigente em sua época sobre as relações entre corpo e psiquismo, apontando que a pulsão seria o lugar de encontro entre eles. Como nos diz Elia (1995), é como corpo pulsional que o corpo pode ser autoerótico e narcísico. A pulsão seria, portanto, a origem e um dos fundamentos do sujeito.

Definido em termos metapsicológicos como “um conceito-limite entre o somático e o psíquico, como o representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo e que atingem a alma, como uma medida do trabalho imposto

à psique por sua ligação com o corpo (FREUD, 1914-1916/2010, p. 57), o conceito de pulsão nos ajuda a entender como o corpo se apresenta nas formulações freudianas. A pulsão se origina no interior do organismo e exerce uma ação constante sobre o psiquismo, da qual é impossível se esquivar. Ela é com diz Freud, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida da exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo.

Em seu texto “A pulsão e seus destinos”, Freud começa a extrair os elementos da pulsão acrescentando algumas especificações, dentre elas a de que a pulsão é um estímulo provindo do interior do corpo que atua como força constante que não pode ser contida por ações de fuga. Nesse contexto, o autor destaca quatro elementos fundamentais para o conceito de pulsão: a pressão, a soma da força ou a medida da exigência de trabalho para o psiquismo; a fonte, o corpo e seus órgãos em seus ritmos e suas composições materiais diferenciados; o objeto, variável ao infinito, por meio do qual a pulsão encontra sua satisfação; e o alvo ou a meta, a satisfação pela descarga.

Para Teperman, Garrafa e Iaconelli (2022), se a fonte da pulsão é o corpo biológico, seus órgãos e seus processos orgânicos, seus destinos envolvem os processos psíquicos que, por sua vez, retornam diretamente sobre esse corpo, agindo sobre ele e o transformando. A pulsão, derivada do corpo, retorna sobre ele e faz dele, ao mesmo tempo, origem e destino e esses destinos são nomeados de quatro formas: a reversão ao seu oposto, o retorno sobre a própria pessoa, o recalque e a sublimação.

Em 1920, em seu texto “Para além do princípio do prazer”, Freud essa teoria dos destinos pulsionais foi reformulada e substituída pelas pulsões de vida e pulsões de morte. As pulsões de vida passam a integrar as pulsões sexuais e as de autoconservação e são responsáveis pelo estabelecimento de vínculos e as pulsões de morte tendem para a redução completa das tensões, são voltadas inicialmente para o interior e em seguida para o exterior, manifestando-se por meio da agressão ou de movimentos destrutivos (LAPLANCHE; PONTALIS, 2004).

Entretanto, independente da teoria pulsional em questão, tendo como origem o corpo biológico, o corpo pulsional será aos poucos moldado e inscrito no registro da representação renascendo incessantemente como força que pressiona e exige satisfação. De acordo com Winograd e Mendes (2009), o corpo considerado como fonte da pulsão não está na mesma ordem do simbólico e do imaginário, como o corpo da histeria, pois não foi ainda representado nem atravessado pela linguagem e nem, tampouco, se confunde com o corpo orgânico e com o corpo biológico, pois não comporta nenhum princípio organizador interno inicialmente.

O corpo narcísico

Em Freud, a concepção do narcisismo corresponde a uma etapa na premissa do corpo e, dessa maneira, interessa à problemática deste. A projeção das experiências na vida singular de um sujeito inaugura o narcisismo, tempo indispensável da edificação do corpo de uma pessoa. Essa construção passa pela imagem e pelo olhar do outro, que valida e garante a sua identificação.

No início da vida psíquica podemos observar uma etapa denominada de “autoerotismo”, no qual o ego do bebê encontra-se investido por pulsões que, em grande parte, podem satisfazer-se a si mesma. Esse termo aparece nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905) para descrever um estado original da sexualidade infantil que é anterior ao narcisismo. Nele, a pulsão sexual encontra a satisfação sem recorrer a um objeto externo, pois está ligada a um órgão ou à excitação de uma zona erógena.

No narcisismo, segundo NASIO (1999) o corpo começa a ser elevado à condição de si pela sua própria erotização. De início, as zonas erógenas estão dispersas no corpo e posteriormente elas serão unificadas, constituindo um corpo totalizado. Essa totalidade se organiza em torno de uma imagem denominada de imagem corporal. Nesse sentido, essa passagem dessa dispersão para uma unidade, que possibilita a emergência do eu e do corpo, implica a passagem do autoerotismo para o narcisismo.

Como podemos perceber, portanto, se o corpo pulsional remete a uma dispersão da pulsão, o corpo narcísico nos mostra a unidade do corpo que agora é realizada pela presença significativa do outro. Para Freud, a pulsão é uma força constante e o corpo pulsional é a matéria prima para a construção do corpo narcísico (SOLER, 2019). Pelo narcisismo primário, o sujeito se materializa pelo não reconhecimento do outro, enquanto pelo narcisismo secundário, o sujeito se materializa por esse reconhecimento. O corpo do narcisismo secundário, portanto, implica em uma reorganização do corpo narcísico primário que passa a ser submetido à experiência do Édipo e da castração.

Segundo Teperman, Garrafa e Iaconelli (2022), a primeira identificação do sujeito quando assume uma identidade, passa e depende do outro. Essa alienação primordial lança, simultaneamente, uma busca incansável para se separar, distinguir e apresentar a sua diferença única. Há, nesse sentido, uma tensão constante pela procura dessa diferença absoluta, em um embate com a sua captura primordial pelo outro. A experiência da apropriação da imagem do corpo, segundo as autoras, são proporcionais ao desamparo e dão testemunhos da compensação da descoberta de uma unidade que ocorre na experiência de identificação e isso é crucial para a construção do corpo.

3. CONCLUSÃO

O corpo para a psicanálise não é uma experiência primária do sujeito. Ele se apresenta ao mesmo tempo como o palco onde se desenrola o jogo das relações entre o psíquico e o somático e como personagem integrante da trama das relações, enfatizando que essa dupla inscrição se evidencia no conceito de pulsão ao colocar o corpo ao mesmo tempo como fonte de pulsão e como finalidade.

A teoria freudiana nos permite colocar em evidência que o somático habita um corpo que é também lugar de realização de um desejo inconsciente. O corpo em Freud, portanto, não se confunde com o corpo apenas como organismo biológico. A grande inovação do autor foi considerar uma dupla racionalidade entre o que é do psíquico e o que é do somático como uma coisa articulada pelo desejo inconsciente, mas cuja leitura se dá no corpo próprio. Sem dúvida, a

instituição do corpo como linguagem e símbolo especifica o discurso psicanalítico.

A noção de corpo em Freud é mais ampla do que a de um Corpo-objeto reduzido cientificamente a um Corpo-organismo, mas é também a de um Corpo-sujeito, vivo, pensando em sua singularidade e subjetividade, o que não significa dizer que o corpo, em sua materialidade biológica e orgânica, esteja, por isso, necessariamente excluído como um fator determinante dos processos psíquicos. O corpo é lugar de onde nasce o sujeito, lugar da passagem do Outro.

Devemos levar também em consideração que o corpo tem seus pilares culturais e é marcado pelos significantes, verdadeiras trilhas que permitem ao sujeito fazer um mapeamento da edificação que o constituiu. Assim, nas relações e em seu desejo, o corpo carrega tanto o traço mais singular de suas primeiras experiências quanto as insígnias mais coletivas que atravessam gerações.

Acreditamos que com a amplitude do legado de Freud nós podemos encontrar sempre um caminho que nos possibilite a teorização e o tratamento de assuntos tão relevantes na atualidade, pois é sempre da apreensão do inconsciente de que se trata, pois a metodologia terapêutica e o arcabouço teórico que sustenta a psicanálise não cuidaria do corpo?

Uma coisa podemos afirmar: quando não se tem mais o corpo, não se tem mais o resto e a psicanálise, enquanto área de conhecimento, pode contribuir significativamente, promovendo um entendimento ampliado sobre ele. O Corpo-sintoma reclama, falha, se cansa e cogita desistir, mas não é um mal a ser combatido e sim um sofrimento a ser escutado em sua singularidade, pois a palavra tem efeito sobre ele. Torna-se necessário, portanto, validar um discurso sobre o corpo a partir do que a psicanálise pode apreender do ser humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CUKIERT, M. Considerações sobre corpo e linguagem na clínica e na teoria lacaniana. **Psicologia USP**, v. 15, n. 1/2, 2004, p. 225-241.
- ELIA, Luciano. **Corpo e sexualidade em Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: Uapê, 1995.
- FERNANDES, M. H. **Corpo**. 4ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.
- FREUD, S. (1893-1895). **Estudos Sobre a Histeria**. In: Obras Completas, v. 2. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- FREUD, S. (1901-1905). **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In: Obras Completas, v. 6. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- FREUD, S. (1914-1916). **Introdução ao narcisismo**. In: Obras Completas, v. 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FREUD, S. (1914-1916). **Os instintos e seus destinos**. In: Obras Completas, v. 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FREUD, S. (1917-1920). **Além do princípio do prazer**. In: Obras Completas, v. 14. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FREUD, S. (1923-1925). **O eu e o Id**. In: Obras Completas, v.16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- LACAN, J. **O seminário**. Livro 20: Mais ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.
- LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- LAZZARINI, E. R.; VIANA, T. de C. O corpo em Psicanálise. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Mai-Ago. v. 22, n. 2, 2006, p. 241-250.
- LINDENMEYER, Cristina. Qual é o estatuto do corpo na psicanálise?. **Tempo psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 44.2, p. 341-359, 2012.
- NASIO, J. -D. **Meu corpo e suas imagens**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- SOLER, Colette. **O em-corpo do sujeito**: seminário 2001-2002. Salvador: Ágalma, 2019.
- TEPERMAN, D.; GARRAFA, T.; IACONELLI, V. (org.). **Corpo**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2022.
- WINOGRAD, M.; MENDES, L. da C. Qual corpo para a psicanálise? Breve ensaio sobre o problema do corpo na obra de Freud. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 11, n. 2, 2009, p. 211-223.